

Fernando Pessoa
Vinte Anos de Poesia Ortónima
I
1915-1920

Edição de João Dionísio

PESSOANA • EDIÇÕES

LISBOA 2022

N I M P R E N S A
N A C Í O N A L

ÍNDICE GERAL

Revisão da matéria

7

POEMAS 1915-1920

3	Frei João, teus poemas	25
5	Deus sabe melhor do que eu	25
6	Eu só tenho o que não quero	26
7	Barca de sonhos e de afastamentos,	26
8	Aglaia	27
9	Não eram as horas que nós perdemos,	27
10	Estendo os braços para ti...	28
11	Níria	29
12	A Ilha deserta	30
13	Todos nós temos uma ponte que passar...	31
15	Não me perguntes por que estou triste...	31
16	Estou triste e não sei	32
19	Os barcos passam no rio	32
20	Do alto da cidade	33
21	Meu coração é uma ânfora cheia	35
22	Queria andar toda a vida	35
23	Visitámos desertos, e os lugares	36
24	Ninguém o foi buscar...	37
25	Nuvem na eurritmia	38
26	Anda com a minha alma ao colo,	39
28	Tine fina ainda	41
29	Trouxeram-a morta,	41
30	Meu coração é uma princesa morta.	43
31	Níria I	44
32	Níria II	45
33	Em dias leves, sonolentos,	48

34	Sem nexu queria as opalas e as tardes.	49
35	Fluxo e refluxo eterno...	50
36	O meu tédio não dorme.	50
37	Corpo que tens divinas procedências	51
39	Ah quem me dera a calma	51
41	No halo que há em torno à hora,	51
42	Que vinda sombra	52
43	Gládio	53
44	Luminosidade	54
46	Saque da cidade...	55
47	A Arca de Noé da minha Imperfeição	55
48	Cada cousa é uma morte vivendo,	56
50	Uma árvore é Deus todo.	56
51	Quando olho para a terra	57
52	Com tuas mãos piedosas	57
53	Escuta-me piedosamente.	58
54	Acorda. Vem	59
55	É interior à minha mágoa	60
56	Na Grande Ilha ao centro de Ser	61
57	No claro dia, agora	62
59	A Revolução	62
60	Pescador do mar alto,	63
62	Asas	64
64	Escrevo, e sei que a minha obra é má.	65
65	Senhor, meu passo está no Limiar	66
67	O barco abandonado	67
68	<i>Brise marine</i>	69
69	<i>Nonsense verses</i>	70
70	Dia de verão	70
71	Ela era rainha destronada...	71
73	Hoje estou triste como alguém que quer chorar	73
73A	Um pouco o inocente, um pouco o antigo, um pouco	74
76	Coa-se através da minh'álma	74
77	Tenho um segredo que nem eu próprio conheço...	75
78	Movem nossos braços outros braços que os nossos,	76

80	Não sei, ama, onde era,	76
82	Fecho os olhos, medito	77
84	Às vezes, quando cismo, e incerto vou	78
85	Num país sem nome	78
86	A noite vai alta	79
87	Tange a tua flauta, pastor. Esta tarde	79
88	O mar.	80
89	A do xale vago chegou à janela.	80
90	Nada nos faça dor,	81
91	As sete salas do palácio abandonado	81
92	A minha alma é um horário de comboios	85
93	Insaciedade infantil e dos homens.	86
95	Alga	86
96	Análogo	87
98	Há uma vaga mágoa	88
99	Ó mera brancura	88
100	Corre aos meus pés o rio.	89
101	Rondam às vezes o meu espírito desprevenido	90
102	Onde ides vós, deixando por colher	93
103	Pela tarde de outono onde o verão	93
105	Crepúsculo em Deus	94
106	No ardor que não dista	95
109	Mas a Noite e o Silêncio continuaram	95
111	Longe das cinco partes desta terra	96
113	Xerazade	97
114	Impossível visão	98
119	Eu irei contigo, na hora batel de flores,	99
120	Na sombra e no frio da noite os meus sonhos jazem.	100
121	O mundo rui a meu redor, escombros a escombros.	100
123	Eram três filhas de rei.	101
125	Um piano na minha rua...	102
126	Paira do alto céu a luz da primavera	102
127	Marinha	102
128	Lábios que pousam e que entreabertos	104
129	Não é para nós, os fracos, para quem a vida é tudo	104

131	No país das lagoas a tarde	105
133	O reino longínquo dos ÍDOLOS mortos	106
135	É um país remoto...	106
137	Tragam-me o barco e tragam-me as rosas	107
139	Não tenho nada pra te dizer	107
141	Rabequista louco	108
143	Não sei. Falta-me um sentido, um tato	109
144	Onde é a serenata?	109
146	Súbita mão de algum fantasma oculto	111
148	Sim, porque os Deuses guardam	111
149	Passam as nuvens, murmura o vento	115
151	Nuvem	115
152	As horas de que eu tenho pena	116
153	Teus braços dormem no teu colo,	117
154	Para onde vai a minha vida, e quem a leva?	118
156	Canção triste	119
157	Quando eu amei, não fui amado,	120
158	Levai-me para longe em sonho,	121
159	Ó altas serras do horizonte	121
164	Traze, a hora pesa, os perfumes dum Oriente	121
167	Pobre criança que qu'ria ter	122
168	<i>Nomen et praeterea nihil</i>	122
169	Gládio	123
170	Meu pensamento, dito, já não é	124
172	Penugem	125
175	Tu, espírito longínquo, que, magoado,	126
180	Abdicação	126
184	Sossego enfim. Meu coração deserto	130
185	Afonso Costa	131
188	Ao seu tear de sonho e vida,	131
189	Alastor, espírito da solidão,	132
191	Suavemente embala.	132
193	Um princípio leve de primavera fria,	133
195	Ama, canta-me. Eu nada quero	134
196	Eu sou o disfarçado, a máscara insuspeita.	135

197	Na tarde vaga e vasta,	136
198	<i>L' Inconnue</i>	137
204	Juliano em Antioquia	137
205	Por cima das revoltas, das cobiças,	138
206	O sol às casas, como a montes,	139
207	No ouro sem fim da tarde morta,	140
208	Báquica medieval	140
209	Soror Mariana	141
211	Trago nas mãos as oferendas todas	142
224	Cada palavra dita é a voz de um morto.	142
227	Três dias e três noites festejaram	143
231	A alma de meu ser se perde no teu amar	143
233	«Nascera eu pastor,	144
235	O rio, sem que eu queira, continua.	144
236	Ah, viver em cenário e ficção!	145
239	Na estalagem a meio-caminho	145
240	No circo onde a ver fui criança	146
241	Um, dois, três...	146
244	Inútil dessocego	146
252	Na altura, de onde vejo, toda a rasa	147
254	Ó nau que voltas do noturno vasto	147
255	Na fuga inútil dos penosos dias	147
257	Todo o passado me parece incrível.	148
258	Tu, vento do sul, ou vento do norte, ou vento	148
259	À noite	149
260	No alto da tua sombra, a prumo sobre	150
262	Inscrições	150
263	A criança que mora à beira do cais	152
264	<i>Sonitus desilientes aquae</i>	152
265	<i>Tramway</i>	154
266	No jardim suburbano da minha infância afastada	155
267	Figuras de □ e fraque,	156
270	Qualquer caminho leva a toda a parte.	156
271	Sobrinhos de Caim ou Abel	158
272	E surjo, distante e a sós,	158

273	Triste é a vida	158
274	Vendaval	159
275	A noite é escura, e a cidade alheia	161
276	Inês	161
277	Cai do firmamento	164
279	Onde é que a maldade mora?	164
282	Pousa um momento,	165
283	Meu ser vive na Noite e no Desejo.	165
285	1920	166
289	Hoje em que nada é português	167
290	Clarim! Os mortos!	168
291	Este vem trôpego e cego	168
292	Porque é que Deus põe as cousas	170
293	Apanho verdades aos molhos	172
294	Tu olhas para a tua desgraça,	174
295	A cada braço que cai	176
296	Anda o povo a passar fome	177
297	Era dez reis por cada homem	179
298	Sou cego mas tenho vista	180
299	Não riam da minha praga,	181
300	A lembrada canção,	184
301	Longe de mim em mim existo	185
302	Pudesse eu como o luar	185
303	Outros terão	186
304	Madrugadas III	187
305	Ah, a angústia, a raiva vil, o desespero	187
307	Poema incompleto	188
308	Luar	188
311	Dói-me a alma como um dedo. Nem	191
313	No limiar que não é meu	192
314	Os deuses dão a quem sofre	193
315	Redemoinho, redemoinho	194
316	Onde pus a esperança, as rosas	194
320	Mataram à machadada	195
321	Meu coração caiu no chão.	195

322	Um frio de dor	196
323	Revive ainda um momento	197
325	Nas cidades incertas	197
326	Fiquei doido, fiquei tonto...	198
327	Meu coração, feito palhaço,	199
328	Mas dia a dia	199
329A	No ar calmo, aluarado e vão	200
330	Despedida	200
332	Os deuses são felizes.	201
333	Teca	201
334	Água corrente,	202
335	Se o teu palácio chega até ao céu,	203
336	Ah, a antiga canção,	203
337	A tua carne calma	204
338	Na aldeia ao pé do mar, quem sou?	205
339	Horário	205
340	Eu no tempo não choro que me leve	206
341	Geração vil, intermitência	207
344	Quem rouba a minha bolsa, rouba lixo.	208
345	Os meus pombinhos voaram.	208
346	Eu tenho um Bebé	208
347	Bombom é um doce	209
348	Tudo quanto sonhei tenho perdido	209
349	Os lírios do país do sonho	209

REVISÃO DA MATÉRIA

Este livro regressa aos poemas publicados há 15 anos, e fixados um pouco antes, na série maior da edição crítica da obra de Fernando Pessoa. Na produção poética sob nome próprio, trata-se de um conjunto de textos balizados pelas vindas a lume de textos tão diferentes quanto, em 1915, «Chuva oblíqua», e em 1920, «Abdicação» e «À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais». De seguida apresenta-se em traços rápidos a poesia acolhida neste livro e a edição que agora a procura servir. Como tento explicar adiante, os poemas aqui reunidos têm genericamente um certo aspeto de completude formal, o que não deve confundir-se com uma conclusão *de facto*. Quando nem mesmo textos publicados em vida por Pessoa escaparam a revisão, dar a entender que estes são poemas fechados no seu ciclo criativo seria um erro grosseiro. São isso sim escritos poéticos apanhados instantaneamente no momento mais avançado da sua criação, nalguns casos depois de alguma revisão e até de passagem a limpo, correspondendo noutros casos à primeira materialização de uma intenção a que o autor não voltou.

1. A POESIA

Esta parcela da poesia pessoana ocasiona uma impressão de caleidoscópio experimental, tal a diversidade de estilos, de temas, de tonalidades, de programas de escrita nela documentada. O escopo da criação poética de Fernando Pessoa entre 1915 e 1920 abrange ainda explorações de um certo simbolismo decadente, destacando-se neste quadro os jogos de sonoridades aliterativas do poema 28 ou os lances sinestésicos do 33. Mas a par deste veio simbolista manifestam-se exercícios de dicção coloquial de que Pessoa já é um poderoso manejador (cf. o poema 60, com o apelo trivial «Olha» ou a conjunção «e» em rima no 6 e no 341), acompanhados às vezes por uma cadência *staccato* (encavalgamentos conjugados com pausas bruscas, como

no poema 92) e, menos habitualmente, por malabarismos pronominais (veja-se o final do mesmo poema 60: «E eu poderia, cantando-te, sentir-me-te uma vez»). Até 1919 note-se igualmente o recurso aos parênteses, técnica nuclear em diversa poesia do ortónimo e de Álvaro de Campos, para a ativação de uma segunda voz que tende a comentar por imagem ou a especificar a locução principal, por vezes com esta entrando em tensão (cf. poemas 21, 33). Remontam ao período 1915-1920 alguns conjuntos de versos escritos em regime de monólogo dramático (à maneira de Browning) e relacionáveis com a figura do imperador romano apóstata Juliano. São uma das vias de acesso à perspetiva pessoana sobre a renovação do paganismo (cf. poemas 82, 84)¹. Do mesmo período datam poemas de circunstância política em chave mais ou menos visionária, bem como alguns de carácter pessoal (o 333, dedicado à irmã, Henriqueta Madalena Dias; a série enviada a Ofélia Queirós, 279, 326, 345-347).

Embora tal diversidade contribua para a impressão caleidoscópica desencadeada pela leitura destes textos, há temas dominantes, como a solidão do sujeito, alimentada por escrita sob a forma de prece ou de resignação. O destinatário destas solicitações é frequentemente um anónimo identificado por tarefa (como a ama ou o pescador) ou um elemento da natureza (o vento, por exemplo). Estes textos, oscilando entre a aceitação e a súplica, funcionam como colírios contra a solidão e guardam uma certa memória de António Nobre enquanto figura tutelar da poesia disfórica (cf. estrofe II do poema 143). Isto tem plena conformidade com o que Pessoa, no ano inicial da cronologia aqui representada, dizia acerca do discurso poético fundador de Nobre:

Quando ele nasceu, nascemos todos nós. A tristeza que cada um de nós traz consigo, mesmo no sentido da sua alegria, é ele ainda, e a vida dele, nunca perfeitamente real nem com certeza vivida, é, afinal, a súplica da vida que vivemos — órfãos de pai e de mãe, perdidos de Deus no meio da floresta, e chorando, chorando inutilmente, sem

¹ Cf. Carlos Pittella, «Juliano Apóstata: um poema em três arquivos», *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies* 12 (New Insights into Portuguese Modernism from the Fernando Távora Collection), Fall, pp. 457-487. [Publisher DOI: 10.7301/Z0K935RH]

outra consolação do que essa, infantil, de sabermos que é inutilmente que choramos.²

Tal como sucede com os versos de Nobre, a poesia dos mestres da geração anterior à de Pessoa e também do seu tempo não é decalcada, antes gera seleção de expressões, sequências verbais ou nexos semânticos que são reciclados e reorientados. Neste sentido, a leitura de «Ao longe os barcos de flores», de Camilo Pessanha, não parece indiferente à feitura de «Eu irei contigo, na hora batel de flores,» (poema 119). Quanto a Cesário Verde, o fecho de «O Sentimento dum Ocidental» («E, enorme, nesta massa irregular / De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,») ecoa talvez no início do poema 206: «O sol às casas, como a montes, / Vagamente doura. / Na cidade sem horizontes / Uma tristeza loura». Na extremidade mais distante da tradição literária portuguesa, admito que o conhecimento de alguma lírica trovadoresca tenha contribuído para a conceção do poema 80, cujo refrão com variação parece próximo de dispositivos semelhantes em cantigas de amigo que colocam em diálogo a amiga e a mãe³. Menos precisa, embora argumentável, me parece a ligação desse conhecimento com o poema 276, de tema claramente medieval e também de refrão parentético.

Fora da tradição literária portuguesa, é a literatura inglesa que mais se vê a contraluz em vários destes poemas. O poema 336, «Ah, a antiga canção,» retoma em 1920 a exploração que Pessoa faz de «The solitary reaper», de Wordsworth, em «A Ceifeira», publicado inicialmente em 1916. Quanto ao poema 189, trata-se de uma revisitação, logo identificada no *incipit*, de *Alastor, or the spirit of solitude*, de Shelley. Por seu lado, o texto 111, que começa «Longe das cinco partes desta terra», talvez deva ser aproximado do poema

² Publicado em *A Galera*, fevereiro de 1915, p. 35 (*Apreciações literárias de Fernando Pessoa*, ed. Pauly E. Bothe, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013, pp. 196-197).

³ Cf. «— Ai madr', o que me namorou», de Pero da Ponte, ou «— Cabelos, los meus cabelos», de Joam Zorro. Sobre o possível interesse de Pessoa pelo género cantiga de amigo no quadro da questão heteronímica, cf. Patricio Ferrari, «A biblioteca de Fernando Pessoa na génese dos heterónimos», *Fernando Pessoa: O guardador de papéis*, org. Jerónimo Pizarro, Alfragide: Texto Editores, 2009, pp. 163-164. Sobre a afinidade entre o título projetado por Pessoa para uma sua coletânea de poemas e a designação mais habitualmente dada às recolhas de cantigas medievais, cf. Richard Zenith, «Prefácio» a Fernando Pessoa, *Poesia do eu*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2006, p. 15.

épico incompleto de Keats sobre Hipérion, sendo mais um sinal do interesse de Pessoa pela figura dos titãs, documentado na poesia atribuída a Alexander Search e no projeto da *Trilogia dos Gigantes*⁴. Também será de mencionar a familiaridade de Pessoa com aspetos da balada inglesa, que não será alheia a composições como a 29 e a 123. De resto, o conjunto de textos aqui editado atesta a exploração bilingue, em inglês e em português, de programas poéticos comuns ou muito aparentados no interior da obra pessoana: o poema 198 tem obviamente de ser articulado com o ciclo *The Mad Fiddler*, enquanto o entendimento do conjunto 262 ganha em ser aproximado da série de textos breves «Inscriptions», que Pessoa incluiu num dos seus opúsculos de poesia inglesa.

Aliás, é no trânsito entre projetos da poesia pessoana que os textos deste volume ganham um interesse mais nítido, nomeadamente pela circulação de seqüências verbais no âmbito de escritos ortonímicos ou destituídos de assinatura e entre estes e conjuntos heteronímicos. Sirva de exemplo o poema 126, uma quadra datada de fevereiro de 1917 cujo *incipit* é «Paira do alto céu a luz da primavera», que começou por ter o seguinte verso de arranque: «Vai alta no céu a lua da primavera». Manuela de Freitas, Ana Maria Freitas e Madalena Dine reconhecem neste verso o início do segundo poema do ciclo «O Pastor Amoroso», de Alberto Caeiro, ou, mais exatamente, a primeira versão desse texto, datada conjeturalmente de 6-7-1914⁵. Com base nesta cronologia, estaríamos na presença de um caso de influência de Caeiro sobre o ortonímo ou, segundo um olhar mais neutro, de partilha de certas construções verbais por diferentes figuras agentes da escrita pessoana. Também nos casos de Reis e de Campos há sinais de possível transferência ou reformulação de textos que no período 1915-1920 não têm atribuição expressa, mas, como este é assunto com efeitos no *corpus* do presente volume, será tratado na secção seguinte desta introdução.

⁴ Cf. Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine, edição de Fernando Pessoa, *Poesia 1902-1917*, vol. 1, Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 468. Sobre a *Trilogia dos Gigantes*, cf. a edição eletrónica coordenada por Filipa de Freitas e Jerónimo Pizarro (<http://www.trilogiadosgigantes.com/info>).

⁵ Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine, edição de Fernando Pessoa, *Poesia 1902-1917*, vol. 1, Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p. 469. Ver *Poemas de Alberto Caeiro*, edição de Ivo Castro, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015, pp. 68 e 245.